

**PRECONCEITO ÉTNICO-RACIAL, VALORES SOCIAIS
E ANTICLERICALISMO NO ROMANCE NATURALISTA
“O MULATO”, DE ALUÍSIO AZEVEDO: UMA ANÁLISE
LITERÁRIA À LUZ DA NARRATIVA ETNOGRÁFICA**

Gabriela do Rosario Silva (UENF)

gabi.dorsilva@gmail.com

Raquel do Rosario Silva (UENF)

raqueldorsilva@gmail.com

Camila do Rosario Silva Barreto (UENF)

camiladorsbarreto@gmail.com

Shirlena Campos de Souza Amaral (UENF)

shirlencsa@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar, de forma breve, a obra inaugural do estilo literário naturalista, a saber, o romance “O Mulato”, escrito em 1881 por Aluísio Azevedo. “O Mulato” caracteriza-se por uma narrativa em terceira pessoa, que busca retratar a vida interiorana dos habitantes da cidade de São Luís do Maranhão no início do século XIX, ressaltando seus costumes, sua gente e seus preconceitos. A partir do instrumento metodológico Narrativa Etnográfica, o qual possibilita analisar narrativas como espécimes interpretativos do mundo, quais sejam, palavras que são utilizadas para narrar a sociedade sob diversos ângulos e lugares por meio de seus respectivos discursos, incidindo em um lugar onde o pesquisador pode avistar uma nova perspectiva, almeja-se apresentar uma análise literária a partir dos principais recortes que permeiam as cenas que envolvem as personagens da narrativa no que tange aos aspectos que denunciam preconceitos para com o protagonista do romance, Raimundo, assim como de alguns personagens, representantes de outras minorias sociais na obra, sob o enfoque dos seguintes elementos: preconceito étnico-racial, não idealização da mulher e anticlericalismo. A análise foi embasada pelos seguintes aportes teóricos: Antonio Candido, Domicio Proença Filho, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Michelle Perrot, dentre outros. Podem ser ressaltadas como resultantes do trabalho, as seguintes questões: o preconceito étnico-racial, assim como os demais tipos de preconceitos evidenciados na obra “O Mulato”, a saber, preconceito de gênero, o extremismo religioso, dentre outros ainda vêm se perpetuando ao longo da história brasileira, sendo retratados de forma física e simbólica. Nesse sentido, depreende-se que tais pontos precisam ser mencionados e debatidos durante as aulas do componente curricular Língua Portuguesa e Literatura, evidenciando a importância da atemporalidade da obra, pois muitos dos aspectos desvelados por Aluísio Azevedo encontram-se presentes na contemporaneidade do cenário brasileiro.

Palavras-chave:

Preconceitos. Aluísio Azevedo. Narrativa Etnográfica.

O Mulato. Romance naturalista.

ABSTRACT

This article aims to briefly analyze an inaugural work of the naturalistic literary style, a saber, or novel “The Mulatto”, written in 1881 by Aluísio Azevedo. “The Mulatto” is characterized by a third-person narrative that seeks to portray the inner life of the inhabitants of the city of São Luís do Maranhão in the early nineteenth century, highlighting their fantasies, their people and their prejudices. From the methodological instrument Ethnographic Narrative, or what is possible to analyze narratives as interpretative examples of the world, what are the words that are used to narrate a society from different angles and places through their discursive essays, focusing on a where the researcher can see a new perspective, display a literary analysis from the main records that involve as scenes involving narrative characters in relation to the aspects denounced by the novel's protagonist, Raimundo, as well as some characters, representatives of other minorities. in the work, focusing on the following elements: ethnic-racial prejudice, non-idealization of women and anticlericalism. An analysis based on the following theoretical themes: Antonio Candido, Domicio Proença Filho, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Michelle Perrot, among others. May be resurrected as work, as the following questions: ethnic-racial prejudice, as well as the other types of prejudice evidenced in the work “The Mulatto”, a saber, gender prejudice, or religious extremism, others are still perpetuating throughout history. portrayed in a physical and symbolic way. In this sense, understanding what are the points that can be used and debated during the Portuguese Language and Literature curricular classes, highlighting the importance of the timelessness of the work, as many aspects developed by Aluísio Azevedo are present in the Brazilian contemporary.

Keywords:

Prejudices. Aluísio Azevedo. Ethnographic narrative.
Naturalistic romance. The Mulatto.

1. *Introdução*

O romance naturalista brasileiro “O Mulato” foi escrito em 1881 por Aluísio Azevedo. A obra caracteriza-se por uma narrativa em terceira pessoa, que busca retratar a vida interiorana dos habitantes da cidade de São Luís do Maranhão no início do século XIX, ressaltando seus costumes, sua gente e seus preconceitos.

“O Mulato” causou grande repercussão entre a sociedade maranhense, não só por conta de evidenciar seus preconceitos, sua gente e seus costumes, sendo narrados por meio de uma linguagem crua naturalista à época do fim da Guerra da Tríplice Aliança, mas principalmente pelo fato do romance tratar de um assunto muito polêmico: o preconceito étnico-racial. Contudo, mesmo o romance tendo desagradado aos cidadãos maranhenses, foi bem-aceito pela Corte.

É importante ressaltar que “O Mulato” é um romance inaugural do Movimento Naturalista no Brasil. O título eleito para compor a narra-

tiva foi exatamente para fazer menção ao protagonista da história, Raimundo, filho de um português com uma escrava, um mulato, considerado por Aluísio Azevedo, como um tipo acabado de brasileiro.

A narrativa de Aluísio Azevedo inaugura a corrente literária realista/naturalista, sendo que na obra, o autor ora pendia para o Romantismo, ora pendia para o Realismo/Naturalismo, o que permite várias análises da obra por meio de diversas perspectivas.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar, de forma breve, o romance “O Mulato”. A análise trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir do instrumento metodológico Narrativa Etnográfica, que possibilita analisar narrativas como espécimes interpretativos do mundo, quais sejam, palavras que são utilizadas para narrar a sociedade sob diversos ângulos e lugares por meio de seus respectivos discursos, incidindo em um lugar onde o pesquisador pode avistar uma nova perspectiva.

Assim sendo, sob a ótica da etnografia literária, almeja-se apresentar os principais recortes que permeiam as cenas que envolvem as personagens da narrativa no que tange aos aspectos que denunciam o preconceito étnico-racial para com o protagonista do romance, Raimundo, assim como das demais personagens que representam outras minorias presentes na obra, a saber, a não idealização da mulher e o anticlericalismo. Nesse intento, os seguintes personagens serão analisados: o protagonista do romance, Raimundo “O Mulato”; A protagonista Ana Rosa; Dona Maria Bárbara; a escrava Domingas; e o cônego Diogo.

A fim de realizar a análise, parte-se dos seguintes aportes teóricos: Antonio Candido, Domício Proença Filho, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Michelle Perrot, Norberto Bobbio, dentre outros.

2. “O Mulato”: breve apresentação da obra e análise de alguns personagens à luz da narrativa etnografia

O romance naturalista “O Mulato”, escrito por Aluísio Azevedo, retrata a vida cotidiana da cidade no interior do Maranhão. A trama possui com ponto central a história de amor entre dois primos, Raimundo e Ana Rosa.

Raimundo é filho de um português branco com sua escrava negra Domingas. Quando criança, Raimundo tornou-se órfão, e a princípio fora

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

criado por seus tios. Contudo, sai ainda na infância de São Luís do Maranhão rumo a Lisboa, onde passa toda a sua adolescência e início da vida adulta.

Já adulto, conclui os estudos, formando-se em Direito e após anos na Europa, decide voltar ao Brasil para rever a sua família e saber ao certo quais foram as circunstâncias em que viera ao mundo. Tinha ciência de que já não tinha o seu pai quando foi para Lisboa, mas quanto a sua mãe, não sabia quem era.

Em busca de descobrir a sua origem, Raimundo decide voltar ao Maranhão, a fim de reencontrar seu tio Manoel Pescada. E, logo que chega à casa do seu tio, desperta a atenção de sua prima, Ana Rosa, com quem viverá uma história de amor. Com isso, tem-se o surgimento do chamado “desafio social” entre Raimundo e Ana Rosa –, homem culto e acostumado às liberdades da vida, mas que mesmo tendo boas condições financeiras e excelente educação, ver-se-á impedido de contrair matrimônio com o seu grande amor, ao ser severamente recriminado socialmente, não apenas pelos familiares de Ana Rosa, mas de toda a Província Maranhense que era extremamente preconceituosa –, que irá descobrir as barreiras e as dificuldades de prosperar uma paixão diante da comprovação de sua ascendência negra.

Além de Raimundo, “O Mulato”, filho de José, as seguintes personagens compõem a narrativa: José, fazendeiro e pai de Raimundo; Quitéria, esposa de José; Domingas, escrava da fazenda de José e mãe de Raimundo; Padre Diogo, amante de Quitéria; Manoel Pescada, tio e tutor de Raimundo; Ana Rosa, filha de Manoel e prima de Raimundo; D. Maria Bárbara, avó de Ana Rosa; e Luís Dias, empregado de Manuel e pretendente de Ana Rosa.

No primeiro Capítulo do romance “O Mulato”, o autor apresenta características naturalistas em sua narrativa que retrata os fatos e as personagens da trama por meio de uma descrição pormenorizada, conforme pode se observar na forma com que Aluísio Azevedo descreve o ambiente da pobre cidade de São Luís do Maranhão.

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes, as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas das árvores nem se mexiam; as carroças d'água passavam ruidosamente a todo o instante, abalando os prédios; e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem-cerimônia as casas

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho. (AZEVEDO, 1881, p. 17)

Na trama, há a presença de termos que denotam preconceitos étnico-raciais, sobretudo no seguinte trecho: “Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho” (AZEVEDO, 1881, p. 17), de modo a fazer referência às pessoas escravizadas, pois a cor preta representava os indivíduos sem alma, portanto, não eram considerados seres humanos.

O sociólogo Florestan Fernandes (1965) relata que:

Surgiu, então, a noção de “preconceito de cor” como uma categoria inclusiva de pensamento. Ela foi construída para designar, estrutural, emocional e cognitivamente, todos os aspectos envolvidos pelo padrão assimétrico e tradicionalista de relação racial. Por isso, quando o negro e mulato falam de “preconceito de cor”, eles não distinguem o “preconceito” propriamente dito da “discriminação”. Ambos estão fundidos numa mesma representação conceitual. Esse procedimento induziu alguns especialistas, tanto brasileiros, quanto estrangeiros, a lamentáveis confusões interpretativas. (FERNANDES, 1965, p. 27)

Traços análogos estão presentes na narrativa, quando Azevedo descreve a personagem D. Maria Bárbara, avó de Ana Rosa, senhora da alta sociedade, tida como muito piedosa mediante seu grande fervor pela igreja e pelas missas que frequentava diariamente; não obstante, era uma péssima dona de casa. D. Maria Bárbara tratava os escravos de forma muito severa, passou a comandá-los por meio de berros e sovas, espancava os escravos por hábito e por gosto. A personagem é mencionada pelo autor como uma mulher perversa e preconceituosa ao extremo, que tinha prazer em maltratar os escravos.

Maria Bárbara tinha o verdadeiro tipo das velhas maranhenses criadas na fazenda. Tratava muito dos avós, quase todos portugueses; muito orgulhosa; muito cheia de escrúpulos de sangue. Quando falava nos pretos dizia “Os sujos” e, quando se referia a um mulato, dizia “O cabra”. Sempre fora assim e como devota, não havia outra: Em Alcântara tivera uma capela de Santa Bárbara e obrigava a sua escravatura a rezar aí todas as noites, em coro, de braços abertos, às vezes algemados. Lembra-se com grandes suspiros do marido “do seu João Hipólito” um português fino, de olhos azuis e cabelos loiros. (AZEVEDO, 1881, p. 20-1)

Azevedo também descreve o casamento em sua trama, o qual era tido como moralmente recompensante naquela época, pois era algo de grande importância para a mulher, para a família da mulher e para pró-

pria sociedade que as preparava para tal fim. A personagem Ana Rosa é narrada sonhando com um noivado, e vendo o casamento como melhor futuro que poderia ambicionar. Isso pode ser percebido no trecho abaixo:

Depois via-se dona de casa; pensando muito nos filhos; sonhava-se feliz, muito dependente na prisão do ninho e no domínio carinhoso do marido. E sonhava umas criancinhas louras, ternas, balbuciando tolices engraçadas e comovedoras, chamando-lhe “mama!”. (AZEVEDO, 1881, p. 24)

É importante ressaltar que a educação das mulheres na época era restringida e voltada apenas para as atividades que fossem úteis ao ambiente doméstico. Essas eram vistas, de acordo com a historiadora Michelle Perrot (1988) como potência civilizatória, sendo responsáveis pela educação dos filhos e mantenedoras da organização da casa. Dessa forma, no romance “O Mulato”, percebe-se que não há uma idealização da mulher, como pode ser percebido na forma como Azevedo narra o amor entre Ana Rosa e Raimundo, relatado como algo sensual, carnal e longe dos devaneios próprios românticos, pois esse busca trazê-lo para o plano real. Também pode ser elencado como exemplo de falência da instituição casamento nos seus moldes tradicionais casos como: o adultério de D. Quitéria, esposa de José, com o padre Diogo, bem como a gravidez de Ana Rosa, algo considerado raríssimo para a época.

[...] O homem da sua casa, o dono do seu corpo, a quem ela pudesse amar abertamente como amante e obedecer em segredo como escrava. Precisava de dar-lhe e dedicar-se a alguém; sentia absoluta necessidade de pôr em ação a competência, que ela em si reconhecia, para tomar conta de uma casa e educar muito filhos (AZEVEDO, 1881, p. 24)

Em relação ao personagem Manoel Pedro da Silva, conhecido como Manoel Pescada, Azevedo relata que esse se tratava de um português de uns 50 anos, forte, vermelho e trabalhador. Fora casado com uma senhora de Alcântara, chamada Mariana, uma mulher virtuosa e extremada em pontos de religião, pois quando morreu, deixou em legado seis escravos a Nossa Senhora do Carmo. Nesse tempo, Manoel Pescada e sua filha Ana Rosa moravam no Caminho Grande, para onde a moléstia de Mariana os levava em busca de ares mais benignos. Com isso, para não ficar só com a filha orfanada, “que se fazia uma mulher” Manuel Pescada se mudou para Praia Grande, onde já era negociante e tinha um armazém. Esse convidou a sua sogra, D. Maria Bárbara, a abandonar o sítio em que vivia para ir morar com ele e Ana Rosa. Para Manoel Pesca-da a menina precisava de alguém que a guiasse, e que a conduzisse, sendo que um homem não podia servir para essas coisas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Azevedo narra que Manoel Pescada não compreendeu a esposa, nem foi amado por ela, pois a virtude, ou talvez simplesmente a maternidade, apenas conseguiu fazer de Mariana uma companheira fiel; viveu exclusivamente para a filha Ana Rosa, chegando a aconselhá-la às vésperas de sua morte, que o casamento deve ser sempre a consequência de duas inclinações irresistíveis. A gente deve casar porque ama, e não ter de amar porque se casou. Porém, Ana Rosa era criança, e não compreendeu logo e nem tão cedo procurou compreender os conselhos da sua mãe. Manoel Pescada, o seu pai quando se achou viúvo, não pensou em tornar a casar, convencido de que o afeto da filha lhe chegaria de sobra para amenizar as canseiras do trabalho, e que o auxílio imediato da sogra bastaria para garantir a decência da sua casa e a boa regra das suas despesas domésticas.

Ana Rosa crescera bonita. Tinha os olhos pretos e cabelos castanhos de sua mãe Mariana, e puxava ao pai as rizejas de corpo e os dentes fortes. Praticava bem com os pobres, e era um bocadinho supersticiosa: não queria que as chinelas emborcadas debaixo da rede e só aparava os cabelos durante o quarto crescente da lua. Sentia-se muito só, não lhe bastava o amor do pai e da sua avó, queria uma afeição mais exclusiva, mais dela. Sonhava com um marido, pois sentia absoluta necessidade de pôr em prática a competência, que ela em si reconhecia, para tomar conta de uma casa e educar muitos filhos.

O seu pai Manoel Pescada via em um dos seus funcionários, seu caixeiro Luís Dias, um rapaz português, as qualidades de um futuro genro; moço trabalhador, discreto e econômico, com letra bonita e um tino para comércio. Dias esperava resignado a decisão de Ana Rosa, que nem de longe queria falar do assunto.

Outro ponto que merece ser destacado no romance é a forma como Azevedo descreve as suas personagens, principalmente Raimundo. O autor, ao narrar o mulato, toma partido do protagonista, não poupando adjetivos para descrevê-lo a ponto de idealizá-lo ao extremo. Mostra o personagem como um herói dos romances românticos, pois esse possui ingenuidade, bondade e um amor platônico por Ana Rosa, a ponto de lutar por seu amor ignorando a sua condição de homem negro. No trecho a seguir o autor descreve o retrato físico do protagonista do romance:

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoc-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica de sua fisionomia eram os olhos grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobresair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz. (AZEVEDO, 1881, p. 42)

No segundo capítulo, tem-se como destaques a crueldade e os maltratos por parte de D. Quitéria Inocência de Freitas Santiago aos seus escravos. Azevedo relata que mesmo D. Quitéria sendo extremamente religiosa, achava que escravo não era gente, e pelo simples fato de alguém não ser branco, para ela já era um crime.

Foi uma fera! Às suas mãos, ou por ordem dela, vários escravos sucumbiram ao relho, ao tronco, à fome, à sede e ao ferro em brasa. Mas nunca deixou de ser devota, cheia de superstições; tinha uma capela na fazenda, onde a escravatura, todas as noites, com as mãos inchadas pelos bolos, ou as costas lanhadas pelo chicote, entoava súplicas à Virgem Santíssima, mãe dos infelizes. (AZEVEDO, 1881, p. 45)

D. Quitéria era casada com José da Silva, e nunca tiveram filhos. José da Silva, teve um filho, Raimundo, com a sua ex-escrava alforriada, cujo nome era Domingas. José da Silva teve Raimundo como afilhado, mas a atenção que dava ao menino incomodou a D. Quitéria, sua mulher, o que a levou a descobrir a verdade sobre a paternidade de Raimundo. A partir da descoberta, tem início uma série de crueldades da parte de D. Quitéria para com Domingas. Inclusive, em um ataque histérico, quase mata Domingas a chibatadas e queimaduras a ferro em brasa.

Estendida por terra, com os pés no tronco, a cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro em brasa. Ao lado, o filhinho de três anos gritava como um possesso, tentando abraçá-la, e, de cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, à ordem de Quitéria, desviavam o relho das costas da escrava para dardejá-la contra a criança. [...] (AZEVEDO, 1881, p. 45)

A partir dessa narrativa, pode ser estabelecido um diálogo com Gilberto Freyre (2006), que em sua grande obra *Casa-Grande e Senzala* relata sobre o sadismo por parte das senhoras brancas contra as escravas negras.

Sinhás moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando de sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de es-

cravos; ou mandavam cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. (GILBERTO FREYRE, 2006, p. 380)

Aluísio Azevedo também destaca no romance “O Mulato”, a hipocrisia do clero e o preconceito étnico-racial dentro da igreja, elencando o seu apoio à escravidão. Dessa forma, ao narrar o anticlericalismo³¹⁵ esse não poupa a igreja de receber várias críticas, principalmente quando relata a pessoa do padre Diogo, narrado por Azevedo como um hipócrita, vigário, e manipulador que comete duas vezes assassinato, mas fica impune de ambos. O padre Diogo foi pego em flagrante por José da Silva, cometendo adultério com D. Quitéria, esposa de José da Silva, mas mesmo após o flagra e a morte de D. Quitéria, que foi estrangulada por José da Silva, o padre continuou a pastorear tranquilamente o seu rebanho, sempre tido por homem de muita saúde e de grandes virtudes teológicas.

O vigário confirmava esses boatos e continuava a pastorear tranquilamente o seu rebanho, sempre tido por homem de muita saudade e de grandes virtudes teológicas. Os devotos continuaram a trazer-lhe, de muitas léguas de distância, os melhores bácoros, galinhas e perus dos seus cercados. (AZEVEDO, 1881, p.47)

Destarte, nota-se na narrativa de “O Mulato” que o estilo naturalista prevalece, pois a obra é marcada pelo determinismo. Por meio de suas narrativas, Azevedo evidencia o drama de um amor entre dois primos, que se tornou impossível devido as barreiras do preconceito étnico-racial. Raimundo sendo filho de um pai branco com uma escrava negra, passou a ser recriminado socialmente diante da comprovação de sua ascendência negra. Esse passou a suportar o peso das tradições e da intolerância de uma cidade que tinha como valor maior de um ser humano, nascer branco, algo que se configura como o estopim para o drama vivenciado pela personagem.

Após a descoberta, Raimundo passou a vivenciar, sentindo na pele as críticas, as barreiras e as dificuldades para concretizar o seu amor pela sua prima Ana Rosa. E, ao não se conformar em ser considerado um indigno de Ana Rosa por ser filho de uma escrava, Raimundo se coloca

³¹⁵ Em seu verbete, Norberto Bobbio relata que o termo Anticlericalismo se designa geralmente um conjunto de ideias e de comportamentos polêmicos a respeito do clero católico, do CLERICALISMO (v.) e do CONFSSIONALISMO (v.), isto é, daquele que é considerada a tendência do poder eclesiástico a fazer sair a religião do seu âmbito para invadir e dominar o âmbito da sociedade civil e do Estado; posição polêmica, que se estende também a grupos, partidos, Governos e indivíduos que apoiam esta tendência (BOBBIO, 1998, p. 32).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

numa posição contrária às ordens de Manoel Pescada e de toda a sociedade Maranhense, pois começou a planejar uma fuga com Ana Rosa, e por meio de cartas coloca em prática o seu plano. Abaixo, segue o trecho de uma das cartas escrita por Raimundo para Ana Rosa:

O melhor é deixarmos que tudo serene completamente e que de todo se esqueça de nós, e então eu te aparecerei na noite que combinarmos e poremos em prática o plano exposto no começo desta. Quanto ao seu pai, só me entenderei com ele, no dia em que esse teimoso estiver resolvido a perdoar o genro e a filha. Não desanime e tem plena confiança no teu noivo extremoso. – Raimundo. (AZEVEDO, 1881, p. 214-15)

De acordo com Victor Tuner (2008), os dramas sociais podem ocorrer por meio da ruptura, em que:

[...] Tal ruptura é sinalizada pelo rompimento público e evidente, ou pelo descumprimento deliberado de alguma norma crucial que regule as relações entre as partes. Burlar uma norma deste tipo é um símbolo claro de dissidência. Em um drama social, não se trata de um crime, embora, formalmente, possa parecer muito com um; é, na realidade um “estopim simbólico de um confronto ou embate”. (TUNER, 2008, p. 33)

Dessa forma percebe-se que Raimundo ao colocar em prática o seu plano e ao realizar tal afronta contra Manoel Pescada e toda a sociedade Maranhense, está sujeito a *hybris*, sendo em um dia de domingo, dia esse que destinara a fuga, que Raimundo concretiza o seu plano, porém de forma fatal, conforme pode ser verificado durante a conversa entre o cônego Diogo e o caixeiro Dias ao planejar uma emboscada para o assassinato de Raimundo:

– Bem! Disse o cônego. Continue a espreitar, mas... todo cuidado é pouco! Que ninguém perceba!... principalmente minha afilhada, compreende?,,, Se descobrem que você anda farejando, está tudo perdido!... Finja-se tolo! ... Tenha fê em Deus! E ânimo! Quando apanhar qualquer novidade, apareça-me logo! Não deixe de espiar! lembre-se de que a arma com que havemos de esmagar o bode, ainda está nas mãos dele!... (AZEVEDO, 1881, p. 218)

Ainda, de acordo com Turner (2008), os dramas sociais podem ocorrer por meio da ação corretiva:

Isto nos leva à terceira fase, a ação corretiva. No intuito de limitar a difusão da crise, certos “mecanismos” de ajuste e regeneração (e aqui tomo emprestada alegremente uma metáfora da física) informais ou formais, institucionalizados ou *ad hoc*, são rapidamente operacionalizados por membros de liderança ou estruturalmente representativos do sistema social perturbado. Os tipos e a complexidade de tais mecanismos variam de acordo com fatores como a profundidade e importância social compartilhada da ruptura, a inclusividade da crise, a natureza do grupo

social no qual ocorreu a ruptura e o grau de sua autonomia no que se refere a sistemas de relações sociais mais amplos ou externos. (AZEVEDO, 2008, p. 34-5)

Ao contrário dos moldes clássicos e românticos em que o bem e o amor sempre prevalecem no final da história, em *O Mulato* vê-se o triunfo do mal sobre o bem, pois mesmo após a morte de Raimundo, que foi atingido pelo revólver de Dias, os culpados pelos crimes ficam impunes, sendo contemplados ao final da trama. O padre Diogo, assassino direto da mulher de José e indireto de Raimundo, é promovido a cônego. Já Dias, assassino de Raimundo, acaba se casando com Ana Rosa, cuja preocupação passa a ser cuidar dos três filhos e do marido como sempre sonhara.

A partir do exposto, um diálogo pode ser estabelecido com Turner (2008, p. 36), a elencar a última fase do drama social, o qual consiste na “[...] *reintegração* do grupo social perturbado ou no reconhecimento e na legitimação social do cisma irreparável entre as partes em conflito. [...]”.

Proença Filho (2012) ressalta que a preocupação realista era com a observação e a análise da realidade. Uma análise profunda dessa para evitar uma visão superficial/grosseira, focando nos valores morais e estéticos desse real. Mesmo sendo a marca do Realismo mostrar uma “[...] rigorosa lógica entre as causas que determinam o comportamento dos protagonistas” (PROENÇA FILHO, 2012, p. 210), nota-se, não por acaso, que o romance é escrito em terceira pessoa, e, por isso, abarca uma visão concreta sobre os acontecimentos, contemplando todos os olhares.

A obra trata-se de uma história envolvente, circundada por elementos ricos em todos os detalhes, ao mesmo tempo em que gera profundas reflexões. De acordo com Proença Filho (2012), a preocupação com a verdade não somente no aspecto verossímil, por um rigor científico, intenciona a máxima aproximação com a realidade e a verdade que a circunda, na busca pela exatidão.

Nesse intento, a realidade idealizada ultrapassa a racionalidade ou imaginação por meio de sentimentos; é sim uma realidade materializada na verdade. Nota-se uma rigorosidade lógica entre as causas biológicas e sociais, que consonante Proença Filho (2012) determina e justifica certos comportamentos dos protagonistas, havendo, assim, uma lógica científica aceitável ao seu comportamento, o que pode ser verificado mediante as atitudes dos personagens analisados na narrativa.

3. Conclusão

Ao contrário dos moldes clássicos e românticos em que o bem e o amor sempre prevalecem no final da história, na obra “O Mulato” tem-se o triunfo do mal sobre o bem. E por mais que Raimundo quisesse vencer o sistema predominante na sociedade Maranhense, o ambiente patriarcal e tradicional corroborou para impedir o seu final heroico, fazendo que o mulato passasse a ser mártir desse sistema.

O romance, ao ser escrito no auge da Campanha Abolicionista, serviu para denunciar o preconceito étnico-racial, sendo esse o ponto central de toda trama. Sendo assim, o protagonismo retratado em “O Mulato” não foi em vão, pois transformou-se em denúncia contra a questão étnico-racial e os valores sociais da época.

Ante o exposto, ressaltam-se, como resultantes da análise realizada, as seguintes questões: o preconceito étnico-racial, assim como os demais tipos de preconceitos evidenciados na obra “O Mulato”, a saber, o preconceito de gênero, o extremismo religioso, dentre outros ainda vêm se perpetuando ao longo da história brasileira, sendo retratados de forma física e simbólica. Nesse sentido, depreende-se que tais pontos precisam ser mencionados e debatidos, evidenciando a importância da atemporalidade da obra, pois muitos dos aspectos desvelados por Aluísio Azevedo se fazem presentes na contemporaneidade do cenário brasileiro.

Nesse sentido, é possível uma interlocução com Antonio Candido (1988) ao asseverar que a Literatura é um fator indispensável de humanização, já que confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de ser vivenciada dialeticamente os problemas, confirmando, assim, a humanidade nas pessoas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. São Paulo: Escala, 1881.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. V.1. Brasília: UNB, 1998.
- CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: *Vários escritos*. Duas cidades/ Ouro sobre Azul, 1988.
- FREYRE, Gilberto. Característica gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida. In: *Casa Grande & Senzala*. Formação da Família Brasileira sob o Regime

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

da Economia Patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

PERROT, Michelle. *os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

PROENÇA FILHO, Domicio. *Estilos de época na Literatura*. 20. ed. São Paulo: Prumo, 2012.

TURNER, Victor. *Dramas, Campos e Metáforas: Ação simbólica na sociedade humana*. UFF. Niterói, 2008.